

MODELOU O HOMEM COM A ARGILA DO SOLO

Tânia Dias Jordão
Doutoranda em Ciências da Religião – PUC Minas
tdjordao@yahoo.com.br

Resumo:

A escritora modernista brasileira, Clarice Lispector, tematiza o corpo, em algumas de suas obras, como em um palimpsesto bíblico do Gênesis: *O Lustre*, *Água Viva* e *Um Sopro de Vida* podem ser lidos como textos paradigmáticos do que aqui se afirma. O artigo apresenta, comparativamente, trechos da obra de Clarice em que ela *modela* suas personagens, notadamente dos romances citados acima, como interface da Bíblia, refletindo sobre o processo de escrita dessa autora.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Bíblia. Criação.

Introdução

Há indícios de que redigir em um processo palimpsêstico, rasurando textos bíblicos para escrever sobre eles, tenha sido uma técnica bastante comum à escritora modernista brasileira, de origem judaica, Clarice Lispector. Como paradigma do que aqui se afirma, pode-se tomar três de suas obras, segundo o gênero (*in*)definido pela própria escritora: o romance *O Lustre*, a ficção *Água Viva*, e a prosa *Um Sopro de Vida*.

Essas densas produções, escritas em linguagem hermética e intimista, como é peculiar à Clarice, apresentam a tematização do modelar do corpo (e das personagens) lido na perspectiva transtextual do relato da criação da humanidade, em Gênesis, refletindo a experiência Criador/criatura que também cria. Clarice ora dialoga com a narrativa bíblica, ora a desconstrói para construir sobre ela a sua própria.

1 “Modelou o homem com a argila do solo” (Gn 2, 7) – *O Lustre*

O romance publicado em 1946, *O lustre*, deixa entrever que Clarice Lispector conhece o segundo relato bíblico da criação da humanidade (Gn 2,7: “então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”). A escritora decalca esse texto criando sua própria narrativa através de um desdobramento interno de papéis, em que assume o duplo caráter: de criatura e criadora, que dá vida a uma personagem, uma menina reflexiva, Virgínia, a qual, por sua vez, também dá forma.

Mas às vezes lembrava-se do barro molhado, corria assustada para o pátio – mergulhava o dedo naquela mistura fria, muda e constante como uma espera, amassava, amassava, aos poucos ia extraindo formas. Fazia crianças, cavalos, uma mãe com um filho, uma mãe sozinha, uma menina fazendo coisas de barro. (LISPECTOR, 1946, p. 45).

“Uma menina fazendo coisas de barro” está entre as formas esculpidas por Virgínia. A personagem escultora permite à Clarice fazer de sua escrita uma indagação sobre os percursos da criação. Tem-se a sensação de se estar entrando em espelhos, nos quais a imagem exterior vai se projetando infinitamente para o interior, através de reflexos sucessivos. Assim, Deus plasma a escritora que forma Virgínia, uma personagem que modela, por sua vez, bonecos que estão também modelando... [Criador ⇒ Escritora ⇒ Virgínia ⇒ “menina fazendo coisas de barro”].

E Virgínia se indaga sobre a construção de seus bonecos de barro, tal qual a própria Clarice o faz em relação às personagens que cria, confundindo-se, então, personagem e escritora, criatura e criadora. Virgínia expõe sua obra que modelara com o barro e reflete sobre ela de modo semelhante à Clarice que ao longo desse e de outros romances pondera sobre sua obra enquanto constrói cada personagem. Isso, por sua vez, reporta à narrativa bíblica das origens a qual apresenta o próprio Deus, que reflete sobre a criação inteira (Gn 1) e vê “que isso era bom”; sobre o papel do homem na criação (Gn 1,26. 2,15), sua necessidade de companhia (Gn 2,18); e mesmo se arrepende de ter criado o homem (Gn 6,6).

Em contexto bíblico, a “palavra” acontece, como em Gênesis que Deus cria pela palavra: “E Deus disse: Haja luz; e houve luz” (Gn 1, 3). Deus diz e assim se faz, pois não há distinção entre falar e fazer, entre a palavra e a ação. *Dabar* é o termo hebraico para “palavra”, que não corresponde exatamente ao *logos* grego por trazer em seu bojo a ideia de algo que, ao se dizer, se realiza, como a concepção bíblica de bênção e maldição, por exemplo.

A “palavra” é sumamente importante para Clarice Lispector, que vive refletindo sobre seu processo criador. Clarice cria pela palavra e a palavra se faz personagem, se faz, por exemplo, a pensativa garota que cresce em uma fazenda e gosta de brincar com o barro, Virgínia. E, quando em conflito com sua criação, Virgínia esbarra no indizível. Amedrontada diante de quem a moldara, de seu próprio criador (escritora), teme por sua vez não mais poder modelar:

Conseguia uma matéria clara e tenra de onde se poderia modelar um mundo. Como, como explicar o milagre... Amedrontava-se pensativa. Nada dizia, não se movia mas interiormente sem nenhuma palavra repetia: eu não sou nada, não tenho orgulho, tudo pode me acontecer, se --- quiser me impedirá de fazer a massa de barro --- se quiser pode me pisar, me estragar tudo, eu sei que não sou nada. --- era menos que uma visão, era uma sensação no corpo, um pensamento assustado sobre o que lhe permitia conseguir tanto no barro e na água e diante de quem ela devia humilhar-se com seriedade. Agradecia-lhe com uma alegria difícil, frágil e tensa, sentia em --- alguma coisa como o que não se vê de olhos fechados – mas o que não se vê de olhos fechados tem uma existência e uma força, como o escuro, como o escuro, como a ausência, compreendia-se ela assentindo, feroz e muda com a cabeça (*Ibidem*, p. 44).

Assim se sentiria a escritora, por sua vez, também esbarrando no indizível e temendo o poder total de seu Criador sobre sua vida?

2 “Se conhecesses o dom de Deus...” (Jo 4, 10) – *Água viva*

Clarice Lispector classifica *Água viva*, como “ficção”. Nessa obra, publicada em 1973, temos a reiteração de questões religiosas e filosóficas que Clarice se faz em seus demais escritos e, também, o uso do recurso de sobrepor as camadas textuais, escrever um texto rasurando outro. Essa desconstrução/construção está imbricada, uma vez mais, na Criação. Sua obra tem início no domingo e fim no sábado. Os elementos da criação aparecem todos e é como se a narradora fosse se fazendo com eles:

-Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu, obra anônima de uma realidade só justificável enquanto dura a minha vida. [...] Mas por enquanto estou no meio do que grita e pulula [...]. (Idem, 1973, p. 21).

A pintora que resolvera se arriscar nas veredas da escritura constata: “Mas escrever para mim é frustrador: ao escrever lido com o impossível. Com o enigma da natureza. E do Deus. Quem não sabe o que é Deus, nunca poderá saber.” (*Ibidem*, p. 66). É este Deus que é colocado em questão em toda a obra, o “it”, a “Ordem”, a “Força do que Existe”. “It”, pronome inglês para se referir ao neutro, é aqui também energia vital e matéria da criação: “[...] fomos modelados e sobrou muita matéria-prima — it — e formaram-se então os bichos” (*Ibidem*, p. 55).

A narradora interpola as duas fontes das narrativas bíblicas da criação, javista e sacerdotal, combinando as tradições, tal qual o redator final do Gênesis o faz. *Água Viva* parte de Gn 2,7, fonte javista, na qual Deus forma o homem da argila, antes das demais

criaturas (Gn 2,19), também modeladas do solo, e não criadas pela palavra, como na versão sacerdotal (Gn 1- 2,4a), em sete dias. Cita, explicitamente, o texto de Gênesis 2,8: “E plantou Javé Deus um jardim no Éden que fica no Oriente e colocou nele o homem que formara” (*Ibidem*, p. 52).

A tecitura dessa obra, conforme apontada pelo próprio título, poderia ter se dado a partir do capítulo 4 do evangelho segundo João, que narra o encontro de Jesus com uma samaritana, junto a uma fonte. É meio-dia. Ele está fatigado, sedento, e pede à mulher que vem tirar água que lhe dê de beber. A partir da recusa da mulher, começam uma discussão teológica na qual Jesus acaba por revelar-se a ela como o Messias, enviado por Deus. Entretanto, quando Jesus toca no cerne: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria uma água viva!” (Jo 4,10), ela muda de assunto: “És, porventura, maior que o nosso pai Jacó[...]?” (Jo 4,12). A samaritana desconversa também quando o Cristo revela que conhece sua vida: “[...] tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade” (Jo 4,18), ao que ela contesta: “Nossos pais adoraram sobre esta montanha [...]” (Jo 4,20).

Na transposição parodística do texto evangélico, ao contrário da samaritana que vai buscar água “por volta da hora sexta” (meio-dia), hora em que a pecadora certamente não encontraria ninguém no poço, portanto não teria que mentir, aqui a narradora-personagem descreve seu percurso:

Mas que fato tem uma noite que se passa inteira num atalho onde não tem ninguém [...] Minha história é de uma escuridão tranqüila [...]. É o figurativo do inominável. Cordas escuras que, tocadas, não falam sobre “outras coisas”, não mudam de assunto – são em si e de si, entregam-se iguais como são, sem mentira nem fantasia (*Ibidem*, p. 74; grifos meus).

Ela que afirmará: “Só o errado me atrai, e amo o pecado, a flor do pecado” (*Ibidem*, p. 75). Mas o escuro, a noite, também pode ser momento do encontro com o Mestre, principalmente quando não se quer ser visto, como o mesmo João narrara no capítulo anterior. Nicodemos vem à noite se encontrar com aquele a quem chama Rabi, que o desconcerta: “[...] quem não nascer do alto não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3, 3). “Como pode um homem nascer, sendo já velho?” (Jo 3, 4), o notável fariseu não entende; por sua vez, em seu monólogo, a narradora de Água viva, sim: “Terei que morrer de novo para de novo nascer? Aceito.” (*Ibidem*, p. 46).

Assim também, na sequência, na revolta que manifesta contra Deus, ela que já quisera a glória de um anjo decaído (*Ibidem*, p. 67), diz ter “medo de Deus porque ele é total demais para o [s]eu tamanho” (*Ibidem*, p. 84).

Quem tem piedade de nós? Somos uns abandonados? uns entregues ao desespero? Não, tem que haver um consolo possível. Juro: tem que haver. Eu não tenho é coragem de dizer a verdade que nós sabemos. Há palavras proibidas.

Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer [...]. Porque é cruel demais saber que a vida é única e que não temos como garantia senão a fé em trevas [...]

Não vou morrer, ouviu, Deus? Não tenho coragem, ouviu? Não me mate, ouviu? Porque é uma infâmia nascer para morrer não se sabe quando nem onde. Vou ficar muito alegre, ouviu? Como resposta, como insulto. Uma coisa eu garanto: nós não somos culpados. E preciso entender enquanto estou viva, ouviu? porque depois será tarde demais. (*Ibidem*, p. 84-86)

Ecos dos escritos da sabedoria, essa reflexão contra a morte, contra o Deus que mata, essa denúncia que paira sobre os mistérios das ações de Deus está presente e é mesmo o centro das discussões doutrinárias do Livro de Jó. “Mas não há paixão sofrida em dor e amor a que não se siga uma aleluia” (*Ibidem*, p. 10).

3 Insuflou em suas narinas um hálito de vida (Gn 2, 7) – *Um sopro de vida*

A *Um sopro de vida*, cujo subtítulo é “Pulsações”, obra póstuma (1978), Clarice designou como “prosa”; qualificação possível para mais um de seus muitos textos inclassificáveis. Trata-se de um desenvolvimento amplo do que já esboçara em *O lustre* e *Água viva*: uma espécie de *mise-en-abîme*, relação especular de uma coisa que se projeta dentro de outra menor que por sua vez será também refletida com possibilidades infinitas. Em *Água viva* esse procedimento é pouco explorado. Aparece, por exemplo, já ao final da obra quando a protagonista relata: “[...] esta noite sonhei que estava sonhando. Será que depois da morte é assim? o sonho de um sonho de um sonho de um sonho?” (*Ibidem*, p. 86); mas em *O lustre* o processo de criação da personagem (Virgínia) que cria é mais claro e intenso. Em *Um sopro de vida*, a escritora inaugura o processo de espelhamento interno que se apresentará esparsa na obra, desde uma de suas epígrafes:

Haverá um ano em que haverá um mês, em
que haverá uma semana em que haverá um
dia em que haverá uma hora em que haverá
um minuto em que haverá um segundo e
dentro do segundo haverá o não-tempo
sagrado da morte transfigurada.

Aqui há a culminância, o transbordamento disso, que motiva toda a obra. Deus *dá vida* a escritora, como ela própria faz questão de lembrar em uma das epígrafes em que cita Gn 2,7 (Idem, 1973, p. 12), Clarice, por sua vez, gestará uma personagem apresentada somente como “Autor”, que modela Ângela Pralini. Esta, por sua vez, diz: “[...]Ah, já sei o que sou: sou uma escriba”. (*Ibidem*, p. 55). E a quem essa “escriba” moldará para dar forma a seus pensamentos? Assim, em paralelo a *O lustre*, temos: Deus ⇒ escritora ⇒ Autor ⇒ Ângela Pralini ⇒ ...

Essa imagem recorrente de modelar, esculpir a criatura ou de lhe dar vida através da palavra percorre todo o texto, como um palimpsesto da duplicata bíblica da criação em que ora Deus cria pela Palavra, ora modela com as próprias mãos. Ângela/Anjo “não nasce nem morre. Anjo é um estado de espírito. Eu a esculpi com raízes retorcidas” (*Ibidem*, p. 28). “— Foi Deus que me inventou e em mim soprou e eu virei um ser vivente” (*Ibidem*, p. 28). E o Autor, “um homem que escolheu o silêncio grande”, cria um ser para que o contraponha dentro do silêncio. “Clarinetista em espiral. Violoncelo escuro. Mas consigo ver, embora mal e mal, Ângela de pé junto a mim. Ei-la que se aproxima um pouco mais” (*Ibidem*, p. 29). Assim é que Clarice dá forma às suas personagens? Como contraponto para si mesma? “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1, 26). É assim que se entende como criatura, em relação ao Autor da Vida? “E assim que recebi o sopro de vida que fez de mim um homem, sopro em você que se torna uma alma” (*Ibidem*, p. 29).

Sua personagem, Autor, existe em Ângela Pralini. “Eu moro na minha ermida de onde apenas saio para existir em mim: Ângela Pralini. Ângela é minha necessidade”. (*Ibidem*, p. 29). Mas a criatura superará o criador: “Estou esculpindo Ângela com pedras das encostas, até formá-la em estátua. Aí sopro nela e ela se anima e me sobrepuja” (*Ibidem*, p. 30). Então, nessa dança, nesse encontro entre as tradições sacerdotal e javista que relatam a Criação, Clarice transmuta de Gn 2,7²³ para Gn 1,1 retomado por Jo 1, 1-3.14, enquanto alude também à filosofia platônica: “Ela é uma ideia *encarnada* no ser. *No começo só havia a ideia. Depois o verbo veio ao encontro da ideia. E depois o verbo já não era meu: me transcendia*, era de todo mundo era de Ângela”. (*Ibidem*, p. 30 – grifos meus).

²³ Gn 2,7: “Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente”. Texto citado por Clarice, segundo outra tradução, como a primeira de suas quatro epígrafes para essa obra.

“E depois o verbo já não era meu”, se tomado em alusão ao Verbo de Deus, à Palavra criadora, faz com que o leitor identifique o Autor a Deus. E ele próprio se confunde em seu papel: “AUTOR.— Quando Ângela pensa em Deus será que ela se refere a Deus ou a mim?” (*Ibidem*, p. 126). Semelhante a Deus, cria e deixa livre a sua criatura que se autodesigna como “uma das intérpretes de Deus”: “ÂNGELA.— Quem faz minha vida? Sinto que alguém manda em mim e me destina. Como se alguém me criasse. Mas também sou livre e não obedeço ordens” (*Ibidem*, p. 126).

A experiência do Autor que se identifica ao Verbo de Deus, portanto ao Enviado do Pai, é similar a de Jesus que, ressuscitado, envia os apóstolos em missão: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20, 21). Para a personagem de *Um sopro de vida*, o Autor, a transmissão se dá em outro campo: “Como eu ia dizendo: foi Deus que me inventou. Assim também eu — como nas olimpíadas gregas os atletas que corriam passavam para a frente o archote aceso — assim também eu uso o meu sopro e invento Ângela Pralini e faço-a mulher. Mulher linda” (*Ibidem*, p. 73).

Conclusão

A leitura dessas obras de Clarice Lispector realizada na perspectiva transtextual, ou seja, considerando a possibilidade da Escritura Sagrada judaico-cristã ter sido tomada como palimpsesto para a construção da escritura clariceana, nos leva a perceber tanto uma metodologia de espelhamento interno dentro das obras da escritora, quanto um jogo de imagens e luzes que partem da própria Bíblia, também ela escrita em duplicatas, para o texto de Clarice. Mais ainda: para sua atitude criadora no espaço infinito aberto pelo Criador sem par.

Se esse livro vier jamais a sair, que dele se afastem os profanos. Pois escrever é coisa sagrada onde os infiéis não têm entrada.[...]

Quando acabardes este livro chorai por mim um aleluia. Quando fechardes as últimas páginas deste malogrado e afoito e brincalhão livro de vida então esquecei-me. Que Deus vos abençoe então e este livro acaba bem. Para enfim eu ter repouso. Que a paz esteja entre nós, entre vós e entre mim. Estou caindo no discurso? que me perdoem os fiéis do templo [...] (Idem, 1999, p. 21).

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

_____. *O lustre*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

_____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.